

## A LEITURA DE LITERATURA PARA O ENFRENTAMENTO DO *BULLYING* NA SALA DE AULA

Lívia Cristina Cortez Lula de Medeiros<sup>1</sup>  
Marly Amarilha<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo tem como objetivo investigar como a leitura de literatura pode propiciar a discussão sobre o bullying na sala de aula. Utilizou-se a metodologia qualitativa com intervenção em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de Natal-RN. Resultados iniciais indicam que a experiência vicária proporcionada pelo texto literário potencializa as possibilidades de mudança de valores na vida do leitor.

O presente trabalho se configura como um recorte do estudo de doutorado em desenvolvimento, vinculado ao grupo de pesquisa Educação e Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e objetiva investigar como a leitura de literatura pode propiciar a discussão sobre o *bullying* na sala de aula, de modo a potencializar a compreensão, o debate e mudança de valores entre os escolares sobre essa prática de violência.

Sua relevância consiste em favorecer o entendimento dos docentes a respeito da possibilidade de se abordar um assunto tão pertinente como o *bullying* na escola, a partir da ficcionalidade de textos literários, considerando a crescente incidência de estudantes que se sentem vitimizados por práticas dessa natureza nas escolas do Brasil.

De acordo com os resultados das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar (PeNSE) realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos anos de 2009, 2012 e 2015 - em sua maioria, com discentes do 9º ano do Ensino Fundamental (EF) de escolas públicas e privadas – há um aumento gradativo daqueles que se sentem vítimas de *bullying*. Na 1ª edição, em 2009, a amostra foi constituída por 1.453 escolas, com um total de 63.411 estudantes pesquisados. Desses, 5,4% disseram se sentir humilhados “quase sempre ou sempre” pelas provocações de colegas da escola nos últimos 30 (trinta) dias. Na 2ª edição, em 2012, das 2.842 escolas participantes e 109.104 alunos respondentes, 7,2% afirmaram se sentir humilhados pelas provocações “quase sempre ou sempre”. Na 3ª edição, em 2015, a pesquisa foi realizada a partir de duas amostras: na primeira (realizada com discentes 9º ano do EF), das 3.040 escolas participantes e 102.301 discentes pesquisados, 7,4% disseram que se sentem magoados, incomodados, aborrecidos ou humilhados “quase sempre ou sempre” (observa-se que, nessa última edição do PeNSE, os adjetivos com relação ao aluno vitimizado foram ampliados). Na segunda amostra, realizada com escolares de 13 a 17 anos (Ensino Fundamental II ou Médio), das 371 escolas e 16.608 estudantes, 12,6% responderam que “quase sempre ou sempre” se sentiam vitimizados.

Diante dos dados apresentados, observamos que esses percentuais aumentaram gradativamente no decorrer dos anos, o que aponta para a necessidade de suscitar formas de promover a discussão sobre essa prática de violência na escola, de modo a favorecer que os docentes não apenas conheçam a sua conceituação, mas possam trabalhá-la na sala de aula. Para tanto, elaborar uma estratégia que permita trazer *bullying* à reflexão por meio de textos literários é uma alternativa fértil para que os escolares possam compreender e construir suas próprias percepções a respeito dos malefícios dessa forma de socialização.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, PB, Brasil. E-mail: [livialula@hotmail.com](mailto:livialula@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, Brasil. E-mail: [marlyamarilha@yahoo.com.br](mailto:marlyamarilha@yahoo.com.br).

Dessa maneira, a literatura se apresenta como possibilidade, pois,

[...] oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. [...]. O texto literário fala de mim e dos outros; provoca a minha compaixão; quando leio me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos [...] (COMPAGNON, 2009, p. 47-49).

Compartilhando essa concepção, entendemos que o conhecimento presente na literatura possibilita ao leitor aprimorar suas capacidades intelectuais, linguísticas, afetivas, sociais e comportamentais, a partir da interação com o texto literário. Isso é possível em razão do seu poder em desconcertar, incomodar, desorientar e desnortear o leitor, conduzindo-o à reflexão ao apelar às suas emoções e à sua empatia (COMPAGNON, 2009).

Assim, entendemos que a leitura de literatura é promissora para o despertar da reflexão do leitor em relação ao *bullying*, tendo em vista que,

a leitura – especialmente a interativa, desenvolvida sobre expressões artísticas que convocam o leitor e facilitam o desenvolvimento do pensamento crítico – encaminha a construção do próprio juízo e da própria opinião, favorece o aparecimento do desejo mobilizado pela co/moção, pela sensibilidade da inteligência (YUNES, 2010, p. 55).

Isso por que, é por meio da experiência vicária do leitor, que o texto literário convoca-o a viver outros destinos, a refletir, a ter empatia, a julgar situações ficcionais e voltar para sua vida com outro olhar, como indica a estética da recepção (ISER, 1996).

Neste artigo, adotamos o conceito de *bullying*, conforme o apresenta Olweus (2006): como sendo prática de agressão física, verbal e psicológica intencionais e repetitivas, sem motivação aparente, em que há desequilíbrio de poder entre agressor e vítima e que podem causar problemas psicológicos, físicos e sociais, em decorrência do sofrimento constante vivenciado pela vítima.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada se insere na pesquisa qualitativa com intervenção, realizada em uma turma do 5º ano de escola pública de Natal-RN, Brasil, composta por 20 alunos, em que foram lidos textos de literatura que problematizam a vivência humana e permitem a interlocução sobre o *bullying*.

Neste recorte, selecionamos o conto “Raul da ferrugem azul” (MACHADO, 2012), que possibilita uma interface, mais explícita, entre a literatura e o papel do espectador dentro de ações de *bullying*.

## **Um pouco da história**

O conto “Raul da ferrugem azul” (MACHADO, 2012) narra a história de um garoto chamado Raul que, logo no início da história, observa o surgimento gradativo de manchas azuladas pelo seu corpo e que, por mais que pense sobre a questão, não consegue achar resposta

plausível para o fato. Raul faz diversas tentativas para remover as manchas: toma banho de sol, esfrega-as bastante, busca até mesmo mostrá-las aos pais na tentativa de ser ajudado. Contudo, percebe que apenas ele enxerga as manchas e que, sozinho, precisará achar solução para o problema. É, com a ajuda da pequena Estela, que Raul dá importantes passos para se libertar, não apenas das incômodas manchas.

### **Então... o que fazer para desenferujar?**

As ações da personagem Raul se assemelham ao papel de um dos integrantes da tríade presente nas cenas de *bullying*: o espectador. Olweus (2006) destaca que os *bullies* (agressores), na maioria das vezes, não agem sozinhos, uma vez que recebem o apoio de colegas que presenciam os atos de violência, conhecidos como espectadores ativos. Estes, apesar de não agredirem o alvo, reforçam a agressão ao se divertirem diante do assédio, rirem e debocharem da situação imposta ao alvo. Outro tipo de espectador é o passivo, que se limita a observar inerte o ato de violência e, mesmo discordando da prática de *bullying*, não age em favor do alvo, muitas vezes por medo de também se tornar alvo (OLWEUS, 2006).

Silva (2010) alerta, entretanto, que,

Seja lá como for, os espectadores, em sua grande maioria, se omitem em face dos ataques de *bullying*. Vale a pena salientar que a omissão, nesses casos, também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa [...]. A omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de *bullying* (SILVA, 2010, p. 46).

Desse modo, tanto a posição passiva quanto a ativa dos espectadores deve ser objeto de reflexão, pois incide diretamente na manutenção desse fenômeno, o que nos conduz ao conto “Raul da ferrugem azul” (MACHADO, 2012).

A personagem Raul, como mencionado anteriormente, pode ser inserida no rol dos espectadores, uma vez que presencia situações de violência no decorrer da história e não consegue agir, a despeito da sua vontade interior de ajudar os alvos da agressão. No decorrer da narrativa são apresentados ao leitor indícios que mostram que o aparecimento da ferrugem azul ocorre sempre que Raul cria diferentes justificativas para si e se exime de interpor-se em favor dos alvos, o que repercute no aumento da ferrugem, que se alastra por seus braços, pernas, garganta, boca e língua.

Em busca de ajuda e por indicação de Tita, que trabalha como empregada doméstica em sua casa, Raul procura o Preto Velho, “sábio” que vive em uma comunidade. O enigmático Velho não responde diretamente à angústia de Raul, mas aponta a primeira luz sobre como resolver a questão ao afirmar que apenas o garoto é capaz de acabar com a sua própria ferrugem. Contudo, é no diálogo com Estela que Raul começa a entender melhor o que passa com ele.

– Você ainda não sabe nada dessa ferrugem, hem? [...] tanto cara aí que nem vê a dele, quanto mais a dos outros...  
Quer dizer que era assim, então, pensava ele. Tem gente que nem vê a sua. Ele via. [...] E com essa ele ia acabar [...]  
Com ajuda claro. Sabia que tinha sido ajudado. Por Tita, por Estela, pelo Preto Velho. Agora só dependia dele mesmo. [...]  
Bem, então na cabeça ele não teve. Sorte. Por isso consegui ver a do braço, no dia em que devia ter agarrado o Márcio. A perna no dia em que devia ter

corrido para ajudar o menino dos balões. A da garganta, no dia em que devia ter falado alto. E agora conseguia pensar. [...] (MACHADO, 2012, p. 51-53).

E é pensando em todos os motivos que o deixaram enferrujado que Raul inicia o seu processo de “desenferrujamento”, que é, na verdade, de libertação, ao livrar-se das amarras da inércia, passando a agir de acordo com as suas convicções. Raul, portanto, abandona o papel de espectador passivo, tão prejudicial, como afirma Silva (2010), e passa ao de defensor daqueles sujeitos que são alvos de qualquer tipo de violência.

## O pós-leitura

Propor, na sala de aula, a leitura e a discussão do conto “Raul da ferrugem azul” (MACHADO, 2012), com foco no papel desempenhado pelos espectadores de práticas de *bullying*, propiciou interações fecundas entre a professora-pesquisadora e as crianças (sujeitos participantes), como podemos exemplificar no trecho abaixo:

**PP:** [...] Pensando no que Leila falou, que Raul teve vergonha, vocês acham que existem pessoas que não ajudam porque têm medo de se envolver? Assistem ao que está acontecendo, às vezes até riem como fizeram os amigos de Raul ou, como fez Raul, têm vontade de ajudar mas não ajuda?

**ASRJ:** sim.

**PP:** por quê?

Telma: porque não quer se envolver, professora.

[...]

**PP:** pensando aqui na escola: se no intervalo estão pegando algum objeto de um colega e vocês vão (...).

**Telma:** eu já tomei algum brinquedinho de Daniel que a menina tava pegando.

**PP:** para ajudá-lo? ((Telma afirma que sim)), então você o defendeu.

[...]

**Jean:** eu deixava, professora.

[...]

**Adilson:** nada a ver, professora, eu ajudava, porque se o outro que tava mexendo com meu amigo viesse pra cima de mim, meu amigo ia me proteger do mesmo jeito que eu protegi ele.

**Telma:** Adilson, podia ser o contrário, o outro vir para cima de você e seu amigo ficar “briga, briga”. (Transcrição, 2018).

No diálogo, percebemos as diferentes maneiras que os sujeitos participantes – neste texto identificados com pseudônimos – se posicionam sobre o papel do espectador. Observamos, nos turnos (4) e (10), que Telma *reforça* a ação do espectador passivo, justificando o porquê de esse sujeito, dentro do cenário de *bullying*, *não agir*, enquanto que Jean, turno (8), afirma que agiria como um espectador passivo e não faria nada. Telma, todavia, em outro momento, contradiz o *não agir* e faz uma *relação ficção-realidade* no turno (6), em que diz já ter ajudado um colega que estava sendo importunado no recreio da escola. Ainda no trecho em destaque, turno (9), Adilson se *contrapõe* à visão dos colegas de *não agir*, apresentando argumento do porquê se deve transpor a passividade para assumir a posição de defensor do(s) alvo(s).

Nesse breve episódio fica evidente que os sujeitos têm confiança para exporem suas opiniões, seja de reforço ou contraposição à forma de agir do espectador passivo. E é por meio desse conflito de ideias que os indivíduos têm a oportunidade de refletirem e (re)construírem suas percepções diante de práticas de violência, como o *bullying*.

## Considerações finais

Analisando os achados iniciais da pesquisa, este artigo aponta para a identificação dos sujeitos participantes com situações e ações de personagens presentes na história, levando-os a refletir sobre o papel do espectador em práticas reais de *bullying*, o que potencializa as possibilidades de transformação de valores e construção de novas percepções de vida no leitor e, em decorrência, de mudanças de atitudes no contexto escolar.

Desse modo, a literatura se afirma como importante território discursivo para a compreensão, o debate e o enfrentamento do *bullying*, uma vez que desenvolve o pensamento argumentativo e crítico por meio de uma experiência vicária imaginativa, sensível e formativa com desdobramentos promissores.

### Referências

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do planejamento, Orçamento e Gestão. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério do planejamento, Orçamento e Gestão. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério do planejamento, Orçamento e Gestão. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Der Akt des Lesens. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACHADO, Ana Maria. *Raul da Ferrugem Azul*. 3. ed. São Paulo: Salamandra, 2012.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Malden: Blackwell, 2006.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz ao leitor. In: AMARILHA, Marly (Org.). *Educação e Leitura: redes de sentido*. Brasília: Liber Livro, 2010.